

## Questionar o museu universal — um exercício decolonial *Questioning the universal museum — a decolonial exercise*

[10.29073/naus.v8i1.985](https://doi.org/10.29073/naus.v8i1.985)

Recebido: 3 de maio de 2025.

Aprovado: 15 de junho de 2025.

Publicado: 18 de junho de 2025.

Autor/a: Karina Valle , Universidade Federal do ABC, Brasil, [kfsvalle@gmail.com](mailto:kfsvalle@gmail.com).

### Resumo

O presente texto tende a gerar uma reflexão sobre os espaços considerados como espaços de cultura, em especial os museus. Propomos um questionamento à forma de como são organizados e destinados a “guardar os tesouros da humanidade”, simultaneamente a normalização de opressões que esses espaços propagam. Apresentamos o conceito do pós-museu de Françoise Vergès (2023) e como ele pode contribuir com reparações históricas aos povos racializados.

**Palavras-Chave:** Decolonial; Museu; Racialidade; Reparação Histórica; Resistência.

### Abstract

This text aims to question spaces considered as cultural spaces, especially museums. We propose an inquiry into the way they are organized and intended to “store the treasures of humanity,” while simultaneously normalizing the oppressions that these spaces propagate. We present the concept of the post-museum by Françoise Vergès (2023) and how it can contribute to historical reparations for racialized peoples.

**Keywords:** Decolonial; Historical Reparations; Museum; Raciality; Resistance.

### Introdução

Pensar museus em uma perspectiva que considere a racialidade nos gera a reflexão sobre como o racismo opera nesses espaços de poder e como as ausências dos não brancos lida, como normal, nos suscita refletir sobre a experiência do movimento negro brasileiro como fundamental. Convida, ainda, pensar o deslocamento e mudanças, tanto nas práticas expositivas (exposições), como no processo de construção de pensamentos que fazem nascer toda a concepção e difusão de seus saberes, os processos curatoriais. Conforme nos propõe a intelectual brasileira Nila Rodrigues Barbosa (2012), as imagens presentes em museus têm a intencionalidade de afirmar algo ou alguém. A ausência deve ser entendida como o ‘desmerecimento e a exclusão do Outro’.

Quando pensamos em exposições, também pensamos onde elas são montadas, instaladas, os espaços em que acontecem. Geralmente, é em museus ou até mesmo algo bem parecido com esses espaços.

O museu faz parte da vida de alguns de nós, ou ao menos aos privilegiados, que tiveram em sua educação, a educação museal. Por causa das desigualdades sociais, sabemos que isso não é para todos. O museu é para poucos. Não estou mencionando isso apenas me referindo ao seu público frequentador. Refiro-me também aos que concebem o conceito de um museu, o que estará dentro dele, o que será exposto, como as artes estarão organizadas, quais práticas discursivas, inclusive as imagéticas farão parte de seu acervo, quais nomes serão lembrados, nomes esses que serão guardados na memória social.

A pesquisadora brasileira Nila Rodrigues Barbosa nos explica, de forma bem didática, o constructo do Museu Histórico Nacional, espaço estudado com profundidade: em suas pesquisas:

Culto aos heróis nacionais (brancos), ao passado e às elites aristocráticas era o que privilegiava o Museu Histórico Nacional em sua prática e em seu acervo (...) na perspectiva de valorização do respeito ao conteúdo civilizatório das elites brasileiras, que se diferenciavam do resto do povo, também por sua cultura erudita, esclarecida e refinada. Assim, as pessoas que visitavam o museu percebiam, naquele

espaço público, as regras gerais e posições sociais que seriam imutáveis na sociedade em que viviam. Educava-se para a continuidade da divisão de classes e existência e desigualdades sociais, como elementos naturais e normais do processo histórico da nação. (BARBOSA, 2018, p. 35)

Por meio dos escritos da Professora Nila Rodrigues Barbosa, percebemos como são importantes os museus no que tange à legitimação de saberes, sua produção e como são expostos, as práticas discursivas que ecoam nesses espaços, as exposições. Na citação, notamos também como os distanciamentos são estabelecidos “que se diferenciavam do resto do povo” (...) “Educava-se para a continuidade da divisão de classes e existência das desigualdades sociais”. Podemos refletir sobre como as opressões presentes em locais que deveriam se comprometer com a educação e com a equidade social ao mesmo tempo contribuem para a permanência das coisas tais como elas são, a manutenção do *status quo*.

### **Lutas do Movimento Negro no Brasil e Desdobramentos**

Este texto considera o entendimento sobre o movimento negro no Brasil, tal qual expresso no Dicionário das Relações Étnico-Raciais Contemporâneas, de Flávia Rios e Alex Ratts. A obra concebe como importante e fundamental à sociedade brasileira, o conjunto de lutas empreendidas por muitos coletivos, formados por pessoas negras que ao longo da História do Brasil, constroem uma expressiva dinâmica contra às desigualdades.

Claudinei Roberto da Silva, curador da exposição *Mãos: 35 anos da mão afro-brasileira*, ocorrida em 2023 em São Paulo, evidencia que os entendimentos sociais oriundos do debate do movimento negro no Brasil foram fundamentais para a presença negra em espaços museais. Há evidências que mostram que, pelo menos nas últimas três décadas, o movimento negro brasileiro tem se mostrado atuante nas reivindicações e ações voltadas aos museus e centros culturais e consequentemente nas exposições de Artes, no que concerne ao próprio conteúdo de que seria exposto e seus ecos e suas respectivas curadorias.

O objetivo deste ensaio não é mostrar a disputa entre o termo arte afro-brasileira, como tão bem fez Hélio Menezes em seu texto intitulado *Exposições e críticos de arte afro-brasileira: um conceito em disputa* de 2018; este texto apresenta de forma breve a importância do movimento negro no Brasil que, por meio de suas reivindicações por justiça social, suas lutas também incidem sobre as inscrições das subjetividades. As exposições carregam práticas discursivas que colaboram na elaboração do simbólico. O movimento negro brasileiro tem protagonizado cobranças em várias instâncias, inclusive na esfera pública, cooperando para a real presença de negros em toda a concepção da ordem artística e curatorial e a construção de uma narrativa de uma população negra voltada ao signo da vida.

Discussões sobre direitos civis, identidade negra, combate às desigualdades racializadas de renda e de acesso a bens e serviços, direito à memória e à diversidade têm se avolumado na agenda política do país, especialmente com a diversificação das pautas de reivindicação e atuação do movimento negro nas últimas três décadas. (...) A busca por sinais de ascendência africana nas obras, tendência que marcou boa parte dos estudos da área desde fins do século 19, vem se deslocando no tempo presente para o enfoque na ascendência africana dos artistas, trazendo novas questões ao debate crítico e ao universo da arte contemporânea. Afinal, fazem parte do acervo da maioria dos grandes museus de arte brasileira obras nas quais são vistos negros, ou elementos do que se entende genericamente por cultura negra, tematizados nas telas, mas e quanto a autores negros? Qual sua presença na composição desses acervos? Em poucas palavras: para além da representação, qual o espaço para a representatividade dos artistas negros nas instituições e estudos de arte brasileira? Como curadores, artistas e exposições têm se posicionado sobre o tema? (Menezes, 2022, p. 702)

Neste sentido, selecionamos três exposições que devido aos seus respectivos impactos, tornaram-se referências e são faróis tanto de inspiração quanto de resultado da luta constante do movimento negro brasileiro.

Indicamos aqui como o grande “abre alas” a exposição *A mão afro-brasileira* de 1988, ocorrida no MAM, Museu de Arte Moderna, localizado na cidade de São Paulo. A exposição *A mão afro-brasileira* (1988), idealizada por Emanuel Araújo trouxe à luz e ao mesmo tempo apresentou um exímio mapeamento de produções artísticas de amplo espectro, de caráter multidisciplinar, dança, música, teatro, artes visuais etc., do século 19 ao 20.



Nas palavras de Joel Rufino Santos, autor do livro homônimo que inspirou a exposição: *“A pesquisa varreu arquivos, bibliotecas, publicações, à procura de personagens escondidos pela poeira de histórias mal contadas ou pelo ‘branqueamento’ comum a todo personagem que ascende socialmente no Brasil”*. Cabe salientar que entre o período de outubro de 2023 até março de 2024, a referida exposição foi ‘revisitada’ por *Mãos — 35 anos da Mão Afro-Brasileira*, com a curadoria de Claudinei Roberto da Silva. Silva (2023), já mencionado anteriormente, nos ajuda na compreensão da importância da comemoração dos 35 anos de uma exposição que fomentou a discussão, reivindicou a inclusão racial em espaços de artes e materializou a possibilidade de ambientes plurais, ou seja, a convivência de múltiplas autorias, brancas e não brancas.

A exposição *Histórias afro-atlânticas* (2018) — MASP — Museu de Arte de São Paulo — Assis Chateaubriand, apresentou-nos uma seleção de 450 trabalhos de 214 artistas, dos séculos 16 ao 21, com curadoria de Adriano Pedrosa, Ayrson Heráclito, Hélio Menezes Lilia Moritz Schwarcz e Tomás Toledo. Vamos nos atentar no caráter plural da exposição — *Histórias* — não como aprendemos na escola, uma história fechada, mas uma história em construção que outrora nos foi negada. A possibilidade de escrita pelos nossos, da nossa forma.

O caráter revolucionário dessa exposição está em ir além de uma África comumente representada como explorada, presente em narrativas colonizadoras narrada por narrativas colonizadoras. Trata-se de exaltar uma África que está, inclusive, em todos nós diaspóricos, as Áfricas possíveis em conhecimento e beleza, a restituição de África que nos foi roubada, ocultada, agora pouco a pouco revelada.

A insurgência foi característica marcante nessa exposição. Ao colocar em diálogo muitas linguagens como o *rap* e as artes visuais, a busca de como África age no Brasil, a questão diaspórica, não apenas uma África imaginada, a África em nós, como ela se manifesta.

A exposição *Dos Brasis — Arte e pensamento negro* — entre agosto de 2023 e janeiro de 2024 reuniu 240 artistas, com a curadoria de Igor Simões, Lorraine Mendes e Marcelo Campos.

A importância da compreensão e do pensamento que acerca toda a produção intelectual artística dos pretos brasileiros e o questionamento das hierarquias que marcam toda a sua trajetória e a ausência de autores negros e suas respectivas produções. Definir nossa arte como arte ingênua ou de uma “experimentação” é justamente estabelecer quem merece ser legitimado ou não, quem adentra os espaços de poder e quem fica de fora.

Dos Brasis foi organizada em núcleos: Romper, Branco Tema, Negro Vida, Amefricanas, Baobá, Organização já, Legítima defesa, tais núcleos tinham como referência pensamentos de importantes intelectuais negros da história do Brasil como Beatriz Nascimento, Emanuel Araújo, Guerreiro Ramos, Lélia Gonzales e Luiz Gama.

### Pós-Museu

Françoise Vergès (2023) nos dá fundamento para pensarmos o papel do museu ocidental e seu projeto colonial. Vergès tensiona que os grandes museus, tanto europeus como estadunidenses, carregam uma forte herança colonial e continuam sendo espelhos para os museus do sul global. Nesse tensionamento, Vergès apresenta o conceito de ‘pós-museu’ e a necessidade de uma reformulação da ideia do museu “universal”. O museu ‘universal’ — o que abriga os grandes tesouros da humanidade — segundo Vergès, foram alimentados por crimes, frutos de saques e invasões. A ideia de tirar objetos de seus lugares de origem, de seu povo e, serem expostos como de propriedade de invasores precisa ser questionada.

O pós-museu, em Vergès, não contempla apenas a presença de obras de artistas não brancos em exposições. O pós-museu está comprometido com a reformulação da estrutura museal, inclusive os postos de poder. Para isso, considera, por exemplo, as curadorias, quem está à frente das tomadas de decisão, as equipes envolvidas nos processos educativos, os profissionais do atendimento aos públicos, assim como os da limpeza e segurança que em grande maioria são racializados. Oferecer boas condições de trabalho a todos os envolvidos no processo museal está alinhado às diretrizes do pós-museu. O museu precisa estar atento às narrativas plurais, tornar acessível narrativas outrora silenciadas. Mediante o conceito de pós-museu em Vergès, o museu não precisa ser exatamente um lugar com acúmulo de objetos.

Cabe, aqui, questionar o paradoxo da representação do museu universal. Suas incongruências.

Por que a ideia de museu universal nos incomoda tanto? O incômodo surge quando percebemos o quanto o museu e sua missão de guardar os tesouros da Humanidade se configura em um local que mimetiza violências, entre elas o apagamento de saberes não europeus ao privilegiar apenas uma vida de interpretação: o eurocentrismo.

Vergès (2023) apresenta o museu como um projeto colonial. Museu este constituído por objetos, frutos de saques, retirada de pertences em territórios que foram tomados pelos brancos invasores.

A reapropriação desses objetos por parte de nações que foram roubadas no passado faz parte de um processo de reparação, no qual também se contempla o conceito de pós-museu. Trata-se de pensar o museu ocidental como um local de múltiplas violências — a dessacralização do museu. Um espaço de questionamento às desigualdades, ao epistemicídio.

### Considerações Finais

Vergès nos propõe analisarmos a narrativa construída em torno do museu universal.

O museu universalizado alega encarnar toda a humanidade, o que significa dizer que o universal é ocidental e organizado segundo sua lógica. Também implica alegar que os objetos do colonizado estão no museu para serem preservados e que por isso eles adquiriram um novo status. Por fim, retirar e exibir os objetos de seus lugares originais também naturaliza a violência da colonização. Vergès nos lembra que esse processo de expropriação e roubo em situações de guerra continua em curso, e cita Palestina e Bagdá. (Vergès, 2023, *Le Monde Diplomatique*)

Propor o museu como um espaço de memórias é uma estratégia antirracista. Desta forma, utilizando-se dessa estratégia, apagamentos serão evitados. O ato de preservar as memórias como estratégia antirracista pode ser compreendido no exemplo muito rico apresentado por Vergès:

(...) ela exemplifica essa questão por meio do apagamento da relação do tabaco, do café e do açúcar com a escravidão. Esses produtos aparecem nos quadros ligados ao cotidiano, aos hábitos sociais dos europeus e, assim, são naturalizados, mascarando as relações de poder e de violência que envolvem sua produção e sua chegada à Europa. Naturaliza-se o consumo do tabaco ligado à masculinidade ocidental, mas se apaga sua produção nas colônias pelas mãos escravas. (Noronha, 2023, *Le Monde Diplomatique*)

Preservar as memórias como resistência ao projeto do museu universal é lutar contra a empresa colonial e seus desdobramentos ainda presentes. Vergès (2023), muito inspirada por Frantz Fanon, nos propõe enquanto “Decolonizar o museu — Programa de desordem absoluta — questionar a difusão da violência colonial, que também está viva em centros culturais, sobretudo nos museus. O conceito de pós-museu de Vergès mimetiza a luta engajada na reparação histórica de opressões sistêmicas sofridas pelos povos de África que reverberam até hoje.

### Referências

- Barbosa, N. R. (2018). *Museus e etnicidade: O negro no pensamento museal*. Appris.
- Museu de Arte Moderna de São Paulo. (2023). *Mãos: 35 anos da mão afro-brasileira* (R. S. Salem, Ed.; C. R. da Silva, Cur.; R. Mahfuz, Trad.). Museu de Arte Moderna de São Paulo.
- Menezes, H. (2022). Exposições e críticos de arte afro-brasileira: Um conceito em disputa. In A. Pedrosa, A. Carneiro, & A. Mesquita (Eds.), *Histórias afro-atlânticas* (Rev. ed., pp. 697–715). MASP.
- Noronha, A. C. C. (2023, 30 de outubro). Resenha: Decolonizar o Museu – Programa de desordem absoluta, de Françoise Vergès. *Le Monde Diplomatique Brasil*. <https://diplomatie.org.br/decolonizar-o-museu-francoise-verges-resenha/>
- Simões, I., Mendes, L., & Campos, M. (2023). *Dos Brasis: Arte e pensamento negro*. Sesc São Paulo.



Vergès, F. (2023). *Decolonizar o museu: Programa de desordem absoluta*. Ubu Editora.

### **Declaração Ética**

**Conflito de Interesse:** Nada a declarar. **Financiamento:** Nada a declarar. **Revisão por Pares:** Dupla-cega.



Todo o conteúdo da **NAUS — Revista Lusófona de Estudos Culturais e Comunicacionais** é licenciado sob [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.